Corpo, voz e sonho em Gilka Machado e Iara Rennó: aspectos benjaminianos do discurso erótico

Body, voice and dream in Gilka Machado and Iara Rennó: Wlater Benjamin's theoretical aspects oferotic discourse

Lídia Maria de Oliveira Silva[1]

Maria Ângela de Araújo Resende[2]

RESUMO: O presente artigo busca elucidar a relação entre corpo, voz e sonho nas poesias eróticas de Gilka Machado, poeta do início do século XX, e Iara Rennó, poeta contemporânea; tomando por base, principalmente, o conceito de erotismo de Georges Bataille (2014), a relação entre erotismo e linguagem de Octavio Paz (1994) e, finalmente, as noções de corpo e corporeidade de Walter Benjamin (2015). Pela análise dos poemas das duas poetas é possível perceber a relação entre língua e erotismo e o caráter inventivo que aproxima erotismo e poesia. As duas escritas reafirmam as vozes femininas no discurso erótico.

Palavras-chave: Corpo. Erotismo. Poesia. Gilka Machado. Iara Rennó.

Como bem afirmou Lucia Castello Branco (1984), em seu livro *O que é erotismo*, "o caráter incapturável do fenômeno erótico não cabe em definições precisas e cristalinas – os domínios de Eros são nebulosos e movediços" (BRANCO, 1984, p.7). Posto isso, o que se pretende neste artigo não é definir o que é erotismo, cabe aos interessados no discurso erótico não capturar o fenômeno, mas sim buscar uma aproximação com sua complexidade e com os caminhos teóricos que ele proporciona.

O presente trabalho busca fazer considerações sobre a questão do Eros nas poesias de Gilka Machado, poeta do início do século XX, primeira mulher a publicar um livro de poesia erótica no Brasil, e Iara Rennó, poeta contemporânea com recente publicação de um livro de poesia erótica. O artigo tem por base as teorias de Eliane Robert Moraes, Georges Bataille, Lucia Castello Branco, Roland Barthes, Octavio Paz e, por fim, Walter Benjamin.

[1]Mestranda em Letras pela UFSJ. E-mail: lidinha22@live.com
[2]Prof.ª Dr.ª pela UFMG e atua no corpo docente da UFSJ. E-mail:m_angela@ufsj.edu.br

Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, p. 43-54, jan./jun. 2018.
Recebido em: 15 ago. 2017
Aprovado em: 20 out. 2017

Antes de mergulhar teoricamente na poesia de Machado e Rennó, torna-se imperativa uma discussão acerca da relação entre erotismo e poesia para que, assim, possa haver um estudo benjaminiano do amor e do erotismo nas duas escritas.

Introdução

> *Poesia e erotismo nascem dos sentidos, mas não terminam neles. Ao se soltarem, inventam configurações imaginárias – poemas e cerimônias.*
>
> *Octavio Paz*

Nos dizeres do teórico mexicano Octavio Paz (1994), no livro *A dupla chama – amor e erotismo*: "a relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e o segundo uma erótica verbal" (PAZ, 1994, p. 12). Percebemos com o autor que o erotismo sugere representação e cerimônia, e, além disso, há entre poesia e erotismo um elo de linguagem que é a imaginação. É pela imaginação que as palavras se distanciam de seu sentido inicial e que o erotismo se distancia da relação sexual, embora dela faça parte.

Análoga a essa ideia da imaginação como elo entre poesia e erotismo está a estudiosa Eliane Robert Moraes (2015), no prefácio do livro *Antologia da poesia erótica brasileira*, ao dizer que:

> Não há erotismo sem fantasia, assim como não há literatura sem ficção. O princípio ativo da vida erótica coincide, portanto, com o da criação literária, uma vez que ambos se movem ao sabor de desejos que jamais se esgotam em si mesmos e sempre ensejam um mais-além no horizonte. Por isso mesmo, por serem domínios animados pela força motriz da imaginação, o pacto entre Eros e as letras se realiza invariavelmente sob o signo do excesso (MORAES, 2015, p. 20).

O excesso, ressaltado por Moraes (2015), como característica particular do texto erótico, é entendido como um elemento na composição formal do texto por sua capacidade de

"multiplicar as imagens do desejo, tal qual um espelho que transforma, deforma e sobretudo amplia tudo o que nele se reflete" (MORAES, 2015)[3].

Segundo Paz (1994), a poesia funciona como um "testemunho dos sentidos", pois "suas imagens são palpáveis, visíveis e audíveis" (PAZ, 1994, p. 11), o campo poético funciona como um campo imagético, e, como tal, ele permite ao leitor experienciar as sensações do texto erótico e se ver refletido ali, talvez nos desejos que não possa experimentar de outra forma, a não ser por essa leitura.

O trabalho de quem escreve poesia erótica também consiste em escrever aquilo que na própria experiência ficaria limitado. A poesia vai "mais-além" da realidade, o que confere a ela um aspecto subversivo e reafirma a colocação de Moraes (2015) sobre o poder de ampliação do texto erótico.

Colocado o poder do excesso e de sua capacidade de ampliação de imagens e sensações, percebemos que a linguagem corporal, tanto quanto a linguagem verbal, é lugar de experiência e transgressão, são práticas que superam interditos pela imaginação da e na linguagem:

> A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora. A imagem poética é abraço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo. E da mesma forma o erotismo é uma metáfora da sexualidade animal (PAZ, 1994, p. 12).

Para que a sexualidade se transforme em erotismo é necessário um trabalho imaginativo. Por isso, a linguagem poética, como afirma Paz (1994), já é em si erotismo, já que ela desautomatiza relações e sentidos estabelecidos anteriormente, sentidos cristalizados.

Na cerimônia erótica, vista como um ritual, a fantasia é o traço determinante na sua diferenciação da relação sexual. Essa "poética corporal" insiste no prazer em si, abdicando de qualquer preocupação com a reprodução (BATAILLE, 2014). Paz (1994) completa: "A relação da poesia com a linguagem é semelhante a do erotismo com a sexualidade. Também no poema – cristalização verbal – a linguagem se desvia de seu fim natural: a comunicação." (PAZ, 1994, p. 13).

[3]Disponível em:<http://www.revistacontinente.com.br/920-a-contenente/revista/capa/10412-qvertigem-excesso-desmedida-e-o-que-distingue-o-texto-licenciosoq.html>

A afinidade entre erotismo e arte consiste precisamente em seu caráter subversivo, porque "a arte, como as perversões, sustenta a realização do prazer pelo prazer, do gozo estético, ou do gozo erótico, como fins em si." (BRANCO, 1984, p. 13).

Tal gozo estético/ erótico é o que permeia as escrituras de Gilka Machado e Iara Rennó. Em Machado, o caráter subversivo de sua poética tornou-se um ato de transgressão ante o contexto histórico e literário em que escreveu: o início do século XX; em Rennó, a escrita erótica funciona como transgressão e reafirmação da libertação sexual feminina e do espaço feminino na poesia contemporânea.

Gilka Machado nasceu no Rio de Janeiro, em 1893 e sua família já estava imersa em uma atmosfera artística: sua mãe, Thereza Christina Moniz da Costa, era atriz de palco e do rádio-teatro. Faziam parte de sua família, também, o poeta repentista Francisco Moniz Barreto e o violinista Francisco Pereira da Costa. Desde pequena Machado escrevia, ganhou um concurso de poesias aos treze anos e, em 1915, aos vinte e dois anos, seu primeiro livro de poemas, *Cristais Partidos*, foi publicado.

Em sua caminhada literária, Gilka Machado foi eleita em 1933, pela revista "O Malho", como a maior poeta do Brasil. Foi indicada em 1977 para ser a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mas declinou do convite. Publicou também os livros de poesia *Estados de Alma*, *Mulher Nua* e *Velha Poesia*. A poeta é considerada a primeira mulher a publicar um livro de poesia erótica no Brasil.

Assim como Gilka Machado, Iara Rennó, que é cantora, compositora, poeta e performer, também nasceu em uma família voltada para a arte, é filha da cantora Alzira Espíndola. Rennó já realizou trabalhos que envolverem a relação música e literatura, como o espetáculo "Macunaíma Ópera Baile", no Teatro Oficina UzinaUzona, em 2010. Seu livro de poesia erótica *língua brasa carne flor* foi publicado em 2015, cem anos depois da primeira publicação de Gilka Machado.

Rennó também realizou uma performance multimídia do livro *língua brasa carne flor* chamada de lingua brasa noutras bocas[4], os poemas foram sonorizados por cantores e poetas como Arnaldo Antunes, Ava Rocha, Alice Ruiz, Tetê Espíndola, Tulipa Ruiz e a própria Iara Rennó. Além disso, Rennó lançou os álbuns "Arco & Flecha"[5], discos gêmeos que contêm os poemas do livro musicados e versam sobre questões de gênero e de desejo.

Machado e Rennó possuem afinidades poéticas pelo fato de "erotizarem a linguagem". Retomando Paz (1994), a própria poesia já é erotismo, portanto, a poesia erótica reúne em si

[4]Disponível em: <https://soundcloud.com/iara-renno>
[5]As músicas dos discos podem ser ouvidas no link <http://iararenno.com/discografia.html>

este duplo erotismo. Embora em contextos históricos e literários distintos, as poéticas afirmam uma voz individual feminina e apresentam construções de prazeres também coletivos.

Eros iluminado nas poéticas de Gilka Machado e Iara Rennó

Em um fragmento de Walter Benjamin, presente no livro *Sobre el amor y temas afines. Un problema europeo* (2015), nomeado "Sobre el matrimonio", o filósofo afirma: "El Eros, el amor, tiene como única dirección la muerte común de los amantes"(BENJAMIN, 2015, p. 33)[6], tal colocação remete ao pensamento de Georges Bataille (2014) sobre a relação entre erotismo e morte. Segundo o teórico, somos seres descontínuos, entre um ser e outro há um abismo, que é a descontinuidade. Quando acontece a fusão dos corpos há a dissolução das formas constituídas, fazendo desse instante um instante de continuidade. Para ele, o erotismo é "uma recusa da vontade de fechamento em si mesmo. O erotismo abre para a morte. A morte abre para a negação da duração individual" (BATAILLE, 2014, p.47).

Ao falar da negação de uma duração individual, que é a duração do ser descontínuo, que morre no instante da fusão/do encontro erótico, Bataille (2014) retoma o mito platônico da separação dos seres e de sua busca pelo preenchimento da lacuna que resultaria de tal separação. Essa busca pela metade perdida, apresentada pelo mito, Bataille (2014) chama de nostalgia de continuidade.

Os temas flagrantes das poéticas eróticas de Gilka Machado e Iara Rennó são a saudade e a memória, seja de momentos vividos e que são apenas lembrados ou de um desejo de encontro que não acontece. Paz (1994) reitera que "o erotismo é um ritmo: um de seus acordes é a separação, o outro é o regresso, volta à natureza reconciliada" (PAZ, 1994, p. 28). Mais uma vez, aparece na discussão o mito platônico, o erotismo é perpassado por esse desejo de fusão e dissolução dos seres e nos poemas de Machado e Rennó a figura do eu poético narra essa memória e essa saudade.

Benjamin (2015), ao construir suas ideias em polos antitéticos, não o faz de maneira diferente ao pensar o amor e a sexualidade. Para ele, a sexualidade é um elemento perigoso para o amor (BELFORT apud BENJAMIN, 2015, p. 33) e o amor só está imune quando no

[6]"Eros, o amor, tem como única direção a morte comum dos amantes" (*tradução nossa*).

sacramento do matrimônio. O pensamento do jovem Benjamin trata a questão da sexualidade pelo viés religioso: o filósofo afirma que somente no matrimônio Deus livra os esposos de responsabilidade.

É importante pensar também as noções de corpo e corporeidade, trabalhados por Benjamin (2015), como estando em polos opostos. A diferença entre essas duas ideias nos encaminha para a discussão da poesia erótica, do corpo do poema e do poema do corpo. Ou seria corporeidade?

Benjamin (2015) pensa o corpo como algo real, é um "estar no" processo histórico, enquanto que a corporeidade está fundada na existência. O corpo é uma configuração e, como tal, é limitado, já a corporeidade está ligada ao espírito, o que dá a ela um caráter de ilimitado, de eterno. Nas palavras de Benjamin (2015): "Uncuerpo, por lo tanto, puede corresponder a todo lo concreto [Reale], pero no como substrato o sustancia de su ser más proprio, como lo es la corporeidad [*Körper*] (...)" (BENJAMIN, 2015, p. 42)[7]. Entendemos, portanto, a concepção de corporeidade como algo que "se extiende sin límite configurado definido" (BENJAMIN, 2015, p. 43)[8], e que está além do humano, numa ideia metafísica de corpo. Para Benjamin, a corporeidade se manifesta na polaridade entre prazer e dor: "Enestos dos no se percebe ninguna configuración, ningún limite" (BENJAMIN, 2015, p. 43)[9].

Entre as manifestações da corporeidade – prazer e dor – interessa-nos a ideia do prazer. Ao contrário da dor, que pode se tornar permanente, o prazer é intermitente (BENJAMIN, 2015). Benjamin (2015) completa:

> (...) para el conocimiento de la esencia de un ser humano es indiferente el motivo de su dolor más intenso pero es muy importante el motivo de su más intenso placer. (...) el placer no es capaz de ningún ennoblecimiento y tiene su total nobleza solo por la gracia de su nacimiento (BENJAMIN, 2015, p. 48)[10].

O valor dado ao prazer, nas palavras do filósofo, implica pensá-lo por seu caráter fulminante e uniforme (BENJAMIN, 2015). Análogo a essa ideia de prazer, mas pensando-a como sexualidade, está Paz (1994), ao fazer a diferenciação entre erotismo e sexualidade:

[7] "Um corpo, portanto, pode corresponder a todo o concreto [real], porém, não como substrato ou substância de seu ser mais próprio, como é a corporeidade [körper] [...]" (*tradução nossa*).
[8] "se estende sem limite configurado definido" (*tradução nossa*)
[9]"nestes dois não se percebe nenhuma configuração, nenhum limite", (*tradução nossa*).
[10] (...) para o conhecimento da essência do ser humano é indiferente o motivo de sua dor mais intensa, porém é muito importante o motivo de seu mais intenso prazer. (...) o prazer não é capaz de nenhum enobrecimento e tem sua total nobreza somente pela graça de seu nascimento (*tradução nossa*).

> O erotismo é invenção, variação incessante; **o sexo é sempre o mesmo**. O protagonista do ato erótico é o sexo ou, mais exatamente, os sexos. O plural é obrigatório porque, incluindo os chamados prazeres solitários, o desejo sexual inventa sempre um parceiro imaginário... ou muitos (PAZ, 1994, p. 16, *grifo nosso*).

As ideias de corpo e corporeidade correspondem às ideias de corpo enquanto real (aquele que pratica o erotismo na realidade concreta, portanto limitada) e corpo do poema/poema do corpo, aquele que se move pelo excesso, que multiplica imagens do desejo (MORAES, 2015) e que transcende a noção de corpo [real]. Ou seja, a linguagem poética erótica funciona como a corporeidade, no sentido de não conhecer limites e, além disso, segundo Benjamin (2015), conhecemos nossa corporeidade por meio do prazer (e da dor). O prazer da experiência real é um momento no qual saímos do corpo, quando do gozo erótico, e o prazer erotizado pela linguagem sai do corpo de outra maneira: transcendendo limites, por imagens.

A linguagem erótica dos poemas de Gilka Machado (1991), no livro *Meu glorioso pecado,* e de Iara Rennó (2015), no livro *língua brasa carne e flor,* trabalha as imagens da luz da lua, tema presente no pensamento benjaminiano, e traz também a temática da memória, de interesse também do filósofo.

A luz da lua funciona como mecanismo que aciona a memória do eu poético, como podemos perceber nos versos seguintes – uma memória involuntária, que toma o eu poético e o coloca em estado de sonho:

> Há lá por fora
> um luar
> que é um divino pecado...
> Se viesses, meu amado,
> se surgisses agora
> ao meu olhar,
> se me apertasses, trêmula de susto,
> ao teu formoso busto...
> (...)
>
> Gozemos ambos o prazer tristonho,
> a ventura dolorida
> de prolongar o sonho, que há no sonho
> a realidade mais feliz da vida.
> A lua desce numa poeira fina,
> que os seres todos alucina,
> que não sei bem se é cocaína
> ou luar...
>
> (MACHADO, 1991, p. 268-269).

Nota-se que a presença da lua leva a voz poética para um outro tempo, o tempo da memória, do sonho, o tempo kairológico, onde há a noção de eterno. Nesse tempo do sonho que toma o eu poético é que se encontra "a realidade mais feliz da vida", porque nele não há cronologia, tudo é possível e duradouro. Esse estado que a lua faz manifestar no poema e que envolve a percepção da voz poética faz despertar também o erótico e a lembrança do encontro, a nostalgia da continuidade (BATAILLE, 2014). O poema de Iara Rennó (2015) também demonstra o estado de sonho que atravessa a memória do instante de continuidade:

> entre as ancas beijou-me com calma
> como se quisesse penetrar minh' alma
> como quem reza se ajoelha e agradece
> reverencia a lua cheia que desce
> recebe luz do novo dia que nasce
>
> me deito só mas em sua companhia
> em meio a bruma da memória viva
> minha vulva pulsa e se regozija
> excita-se e seus liquores regurgita
> toco meu seio esquerdo que se entumece
> por onde andará quem já não aparece?
> largo-me nos braços largos da lembrança
> e caio em sono bendito feito criança
>
> (RENNÓ, 2015, p. 15-16).

Há uma relação de espaço e tempo nos dois poemas que faz com que o eu poético, estando em determinando tempo e espaço, consiga, pelo estado de sonho, voltar ao espaço e ao tempo em que houve o encontro: "quem me dera fugir a este momento / que se fez para mim eternidade!" (MACHADO, 1991, 286).

Essa lembrança é também uma espera, um desejo de repetição, e a espera, como assinala Barthes (2001) em *Fragmentos de um discurso amoroso*, é um encantamento (BARTHES, 2001, p. 146). Quando há encanto por algo ou alguém, esperar se torna uma espécie de culto ao ser amado e desejado. A espera é para Benjamin um elemento marcante em sua concepção filosófica de amor (BELFORT apud BENJAMIN, 2015). Para o filósofo, é próprio do amor a capacidade infinita de esperar.

Jeanne Marie Gagnebin (2008), em seu texto "A questão do 'Eros' na obra de Benjamin" associa esse elemento da espera às ideias de longínquo e de infinito do tempo: "Esse caráter de independência e de inatingível transforma o longínquo em símbolo do

sagrado, mas também do cósmico e do infinito do tempo" (GAGNEBIN, 2008, p. 40). Essa espera é elemento marcante nas poéticas de Machado e Rennó:

> É meia-noite, e que volúpia, e que ânsia!
> Inda te espero, vê como sou louca!
> Penso ouvir tua voz, preguiçosa à distância,
> tua lembrança vem beijar-me a boca.
>
> (MACHADO, 1991, p. 286).

Rennó (2015) demonstra em sua poesia uma espera impaciente, mas ainda assim reconhece ser a espera um elemento necessário ao amor e ao erótico. Porém, a ideia de amor é ampliada e retoma a noção de erotismo em sua relação com a arte:

> cão latente o amor é um compromisso inadiável e por isso decido esperar pela primeira vez na vida vou cultivar a tal da santa-paciênciapois este que é um problema químico nos afeta todo o metabolismo o que senão Ele faria com que nos beijássemos na primeira manhã compartilhada assim sem se preocupar em escovar os dentes sequer sem dúvidas sem bom hálito? **É sujo indecente subversivo é e por tais atributos que se faz reconhecer o amor** (RENNÓ, 2015, p. 26, *grifo nosso*).

Relacionadas à espera estão as ideias de proximidade e distância apresentadas por Benjamin (2015) em *Sobre el amor y temas afines* . O filósofo retoma a polaridade amor / sexualidade. Para ele, "a vida de eros se ascende graças ao longínquo. Mas de outro lado existe um parentesco entre proximidade e sexualidade" (BENJAMIN, 1985 apud GAGNEBIN, 2008, p. 40).

Embora seja uma concepção conservadora de amor e de sexualidade, como assinala Gagnebin (2008), pois na ideia benjaminiana a mulher não deve manter uma proximidade nem uma distância excessivas, "se ela se aproximar é porque ela escolheu transpor essa distância graças à força do seu desejo" (GAGNEBIN, 2008, p. 40), essa distância e o desejo em transpô-la é que criam a essência do erotismo. Segundo José Paulo Paes (2006), no prefácio do livro *Poesia erótica em tradução*: "o prazer encontra seu maior estímulo não na liberdade de perseguir até onde quiser os seus objetivos, mas no constante interdito de fazê-lo, o 'interdito criador do desejo' em que Bataille vê a 'essência do erotismo'" (PAES, 2006, p.17).

O "interdito criador do desejo" somado à ideia de distância benjaminiana é fator pulsante nas poéticas de Machado e Rennó, o estímulo constante é propiciado justamente pelo impedimento marcado pela imagem da distância:

Nesta ausência que me excita,
tenho-te, à minha vontade,
numa vontade infinita…
Distância, sejas bendita!
Bendita sejas, saudade!

(MACHADO, 1991, p. 281)

A ausência excita e a distância é bendita! Os versos reafirmam a noção do desejo que se alimenta na impossibilidade de proximidade. Rennó (2015) também apresenta uma voz poética que se alimenta dessa saudade:

tempestade
lá fora
por dentro
me queima
a saudade
tanto
agora
que a calcinha
molha

(RENNÓ, 2015, p. 98).

Para Bataille (2014) a ação decisiva do erotismo é desnudamento, ou seja, a oposição "ao estado fechado, ao estado de existência descontínua" (BATAILLE, 2014, p. 41). Há uma necessidade de comunicação desses corpos, um desejo de continuidade. O teórico associa esse desnudamento à noção de obscenidade, esta dialoga com os versos de Machado e de Rennó, versos transgressores. Para Bataille (2014) "A obscenidade significa a perturbação que desordena um estado dos corpos conforme a posse de si, à posse da individualidade duradoura e afirmada" (BATAILLE, 2014, p. 41).

No jogo erótico apresentado na poesia, os corpos descontínuos buscam um instante em que a morte os possibilite se transformarem em seres contínuos. O desejo de continuidade, nos poemas de Machado e Rennó aparece, principalmente, ligado a um estado de sonho e fascínio. Bataille (2014) reafirma que o abismo da morte "pode nos fascinar (...) a morte é vertiginosa, fascinante" (BATAILLE, 2014, p. 37).

O amor é um dueto, dança quem souber deixar o corpo solto

A partir dos versos de Rennó (2015), título dessa última parte da discussão, percebemos que as ideias do duplo perpassam toda a poética de Gilka Machado e Iara Rennó. Se Benjamin recorria sempre aos polos antitéticos em seus estudos filosóficos, e dentro desses polos buscava um ponto em que eles se encontravam, vemos que a concepção do amor nas poéticas eróticas envolve o espírito (corporeidade) e o corpo (real) em uma dança da linguagem que erotiza e tenta emoldurar o gesto, emoldurar o gozo, pelo viés da imaginação.

O dueto entre Machado e Rennó se fortalece na capacidade poética de fazer multiplicar as imagens do desejo, "pois o que dou quando canto, é ao mesmo tempo meu corpo (através da minha voz) e o mutismo que você provoca nele. (O amor é mudo, diz Novalis; só a poesia o faz falar.)" (BARTHES, 2001, p. 104).

Ainda que os domínios de Eros sejam nebulosos e movediços (BRANCO, 1984), a luz da lua ilumina sem enceguecer (BELFORT apud BENJAMIN, 2015) e abre um caminho para se pensar no erótico fora da obscuridade, esse caminho é iluminado pela poesia:

> A poesia conduz ao mesmo ponto que cada forma do erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, nos conduz à morte e, pela morte, à continuidade: a poesia é *a eternidade. É o mar partido com o sol*. (BATAILLE, 2014, p. 48, *grifo do autor.*)

Bataille (2014) retoma os versos de Rimbaud para estabelecer uma relação entre o erotismo e a poesia. A característica principal do erotismo é uma tentativa de permanência além do momento fugaz (BRANCO, 1984) e as poesias eróticas de Gilka Machado e de Iara Rennó também entram nessa tentativa, porque o fugaz tem valor de eterno pela linguagem, pela invenção poética.

ABSTRACT: This article intends to clarify the relationship among body, voice and dream in erotic poetry of Gilka Machado, a poet of early twentieth century, and Iara Rennó, a contemporary poet; the theoretical bases includes, mainly, Georges Bataille's concept of eroticism (2014), the relationship between language and eroticism studied by Octavio Paz (1994) and, finally, Walter Benjamin's ideas of body and corporeity [körper] (2015). By the analysis of the poems of the two poets is possible to realize the relationship between language and eroticism and, also, the inventive way that approximates eroticism and poetry. The two writings reaffirm female voices in the eroticism discourse.

Keywords: Body. Eroticism. Poetry. Gilka Machado. Iara Rennó.

Referências

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 2001.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Sobre el amor y temas afines**. Un problema europeo. Buenos Aires: Editorial Gorla, 2015.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. A questão do "Eros" na obra de Walter Benjamin. In: **Eros e Filosofia**. **Artefilosofia,** Ouro Preto, n.4, p. 39-44, jan. 2008.

MACHADO, Gilka. **Poesias completas.** Rio de Janeiro: Léo Chistiano Editorial: FUNARJ, 1991.

MORAES, Eliane Robert. **Antologia da poesia erótica brasileira**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

PAES, José Paulo. **Poesia erótica em tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAZ, Octavio. **A dupla chama:** amor e erotismo. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

RENNÓ, Iara. **Língua brasa carne flor**. São Paulo: Patuá, 2015.